



Estágio Curricular Supervisionado IV
Profª. da disciplina - Silani Pedrollo
Profª. orientadora de estágio - Silani Pedrollo

-

Aluno: Leonardo Saconatto
Matrícula: 1012612032

Projeto de Estágio 2024/2

ENTRE A ESCOLA E O MUNDO LÁ FORA:
VIVÊNCIAS SONORAS (PARTE II)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

1.1 PONTOS DE PARTIDA

1.2 OBJETIVOS

2. TEMA DO PROJETO (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA)

3. CRONOGRAMA

4. PLANOS DE AULA

4.1 AULA 1

4.2 AULA 2

4.3 AULA 2 - parte II

5. REFERÊNCIAS

6. ANEXOS

6.1 SLIDES AULA 2

1. Introdução

A escola Henrique Veras está ao pé do maciço do morro da Lagoa da Conceição, o contorno que delinea e impõe a transição entre Lagoa e mundo, um fenômeno natural protetor do leste da ilha de Santa Catarina, para que o mar não enxergue a cidade que avança sobre o seu horizonte poente, vindo do centro. O mar ao leste da ilha repousa na inocência de não enxergar o continente. Não vê a infestação urbana que pausa a natureza. As crianças e pré-adolescentes estudantes da Henrique Veras também repousam num ambiente salutar de comunidade e vizinhança.

Muitas nascidas ali - numa comunidade que tem uma área extensa mas de no máximo 10.000 habitantes - quando questionadas sobre música demonstraram um ávido interesse porque a escola fica cravada em uma das bordas do Centrinho da Lagoa, região central do bairro. Um espaço urbanizado multicultural que, por conta de uma amálgama entre turismo e vivacidade da cultura local, acessa diferentes contextos vivenciais em seu cotidiano. Desde os shows e apresentações gratuitas na praça, o Casarão das Rendeiras, a convivência com os pescadores e a tão citada pelas estudantes União da Ilha da Magia, a escola de samba da Lagoa, campeã do Carnaval de Florianópolis 2024.

A E.B.M. Henrique Veras tem uma estrutura ampla com a edificação concentrada no centro do terreno, as salas ao redor do pátio de alimentação, que fica no centro. Destacado do prédio apenas um primeiro anexo que abriga algumas salas de recepção, quem faz a divisão entre os dois é um parquinho com brinquedos de cores sugestivas, com tonalidades mais vivas e saturadas das que a que tenho memória do meu tempo de escola. Por dentro do prédio é tudo num tom pêssego-neutro, parece que feito para soar leve, universal e acolhedor. Com cartazes informativos, científicos e artísticos espalhados pelos corredores, professores e professoras de diferentes disciplinas intercalam suas aulas e coabitam nesse universo de salas e corredores.

Para a turma de música, apenas a chamada é feita na sala habitual da turma, depois em geral todos os estudantes e as estudantes vão para a sala de música, que fica anexada a esse “cinturão de salas” ao redor do pátio central, todo coberto. Na passagem da sala de música, que não é muito maior do que a sala habitual, pelo lado externo está o caminho para a quadra de esportes, que também é anexada a edificação maior. Da janela da sala de música enxerga-se o pátio descoberto, a terra já toda exposta da grama aniquilada pela corrida das

crianças. A sala de música tem janelas grandes e boa entrada de luz natural. Como sempre, alguém animado por estar indo para a quadra, para na janela para interagir com quem está dentro da sala bagunçando um pouco a turma. Naquela escola parece se movimentar um universo onde tudo soa consumado e expansível, simultaneamente.

1.1. Pontos de Partida

Com o início do contato na escola e para a minha surpresa favorável, me deparo com o professor Caio Lima - com quem tive contato enquanto estagiário docente na graduação - assumindo a turma no lugar do professora Gian. Uma série de conteúdos e materiais chegam em minhas mãos com o planejamento do próximo trimestre para a turma 71, que tem seus encontros musicais em classe sempre marcados para as quartas-feiras, das 10h30 às 11h15 e nas sextas-feiras das 10h30 às 12h. Todo o conteúdo ali tem um ponto em comum: flertam com a temática da educação antirracista e da diversidade cultural brasileira, assim como trabalhado na E.B.M. Beatriz de Souza Brito (Pantanal) com a Professora Gislene Natera. Portanto, ainda me servem como base os materiais empregados no primeiro projeto de 2024/1, são eles a Matriz Curricular para a Educação das Relações Étnico-Raciais na Educação Básica (2016) e o livro “Como Ser um Educador Antirracista”, de Bárbara Carine (2023). Junto aos materiais citados, o projeto político-pedagógico, o plano curricular da educação básica no município e o planejamento trimestral e anual do professor ajudam a guiar minhas ideias de tema e de atividades previstas para os planos de aula.

Me atentei especialmente ao plano trimestral e anual, onde o professor propõe atividades voltadas ao desenvolvimento da percepção musical através de atividades que explorem a escuta e a reflexão mas, principalmente no plano do terceiro trimestre (13/09 - 20/12) que prevê “Apreciar e conhecer músicas do repertório erudito, do popular e do tradicional, brasileiro e estrangeiro” e “Conhecer aspectos históricos referentes a diferentes manifestações musicais”. Pude perceber aí uma confluência entre assuntos a serem trabalhados e práticas nas turmas com temas que trabalhei em meus outros projetos de estágio, - como O Passo (CIAVATTA, 2009), para citar um exemplo, a formação em percussão popular através, principalmente, das sonoridades do Samba-Reggae com o grupo Africatarina. O percurso de reconhecimento de gêneros musicais através de símbolos da cultura e da escuta com a turma 72 do estágio 2024/1.

Percebendo essas confluências possíveis nesse planejamento, meu ponto de partida foi a proposição do ritmo por meio do corpo - para entender a música, sua pulsação e divisões - conectando conteúdos com interlúdios reflexivos sobre como a música se relaciona com a sociedade através das manifestações populares musicais presentes na cultura brasileira e ao redor do mundo, e qual a variedade que podemos encontrar entre eles. Para isso, me vem à mente algumas perguntas: Como se forma a batida de uma música? Em qual contexto essa música está inserida? Quais são seus instrumentos? Quais são seus elementos musicais? Como podemos tocá-la?

Essas são questões sequenciais que guiam a metodologia de desenvolvimento do conteúdo: pretende-se falar sobre os estilos musicais ao mesmo tempo desenvolver percepção rítmica para apoiar o estudo dos ritmos mais interessantes para a turma - partindo do Maracatu, passando pelo Samba-Reggae e indo em direção à um ritmo escolhido pela turma - e a partir desse trabalho provocar a reflexão sobre como se estruturam os movimentos, as batidas, as levadas, e qual a relação de importância que o ritmo tem com aquilo que marca a musicalidade, que dá nome ao gênero musical. Procuro, assim, amenizar algumas possíveis noções errôneas ou carregadas de preconceito (desconhecimento) sobre a história de culturas através do ritmo de alguns estilos musicais. Dessa forma, entendo neste projeto que pensar música através de seus gêneros e manifestações e reconhecer estilos musicais é também um despertar de curiosidade que impulsiona a vontade de conviver com diferentes identidades culturais.

1.2 Objetivos

Objetivo geral

Explorar sonoridades corporais e de instrumentos por meio de práticas musicais como a percepção, apreciação, composição e performance.

Objetivos Específicos

- Pulsar com o corpo em um ritmo sugerido;
- Reconhecer instrumentos e sua forma de tocar;
- Praticar música através da percussão corporal;
- Ampliar a percepção musical, principalmente por meio do ritmo;
- Descobrir novos instrumentos e culturas musicais;
- Interpretar, compor e organizar ideias musicais.

- 2. Tema do Projeto

O que vem antes do som?

Desenvolver tal tema com adolescentes é certamente desafiador pois envolve um apanhado de saberes que precisam ser conectados para um entendimento fiel da questão. Não é preciso pensar em música sem cultura, de forma que se torne esvaziada a noção entre a relação que tenho comigo mesmo e aquilo que ouço. Nós fazemos o que não gostamos? Só quando somos obrigados. De certa forma, estar na escola é uma obrigação (em sua grande maioria do tempo) para muitas crianças e adolescentes. Além de um direito historicamente conquistado em prol de um futuro mais justo e mais bem construído com base na diminuição da desigualdade existente na diferenciação social entre classes, confirmar presença diariamente no sistema escolar pode ser uma espécie de martírio para muitas e muitos estudantes.

A música pode ser encarada como um tema e uma prática sensível. Estamos na escola como educadores musicais para ajudar a formar o pensamento e também estimular o desenvolvimento sensorial (e afetivo) de quem está dentro da sala de aula. Dessa forma, como conduzir essa prática (enviesada na metodologia) dentro de um universo escolar que pode misturar cansaço e euforia, tédio e descoberta? Despertar interesse e motivação são abordagens necessárias. Pensar nas relações - e como elas se dão, ou se modificam - pode ser uma forma de aproximar o pensamento à realidade de ensino naquela instituição. A partir das observações na primeira parte deste projeto, pude perceber que o trabalho da professora Gislene é acolhedor e assertivo, prioriza os conteúdos que abarcam cultura tradicional e versam sobre sociedade e diversidade através, principalmente, da ação prática, do pensar no fazer centrado na música.

Sendo assim, algo que já era de meu interesse enquanto pesquisador e educador em formação se torna importante: procurar entender como cada pessoa se conecta com a música, qual a relação temos com o fazer musical e de qual forma a música está colocada em nossa sociedade, no presente, mas que se conecta ao passado e indica para o futuro.

Um ponto de interesse é entender a idade e um pouco da realidade das adolescentes presentes na turma 71 da E.B.M. Henrique Veras. São pessoas de 11 a 12 anos e, pela consistente uniformidade na idade da turma, conseguimos prever melhor o alcance de algumas proposições e entender o nível de aprofundamento no conteúdo que poderemos atingir com essas e esses estudantes. É possível perceber que estão em um gradiente, uma zona de confluência entre a infância e a adolescência, estão dotados de energia e de

significados, querendo extravasar e interrogar ao mesmo tempo. Por isso, as atividades iniciais são pensadas partindo do corpo: através da metodologia d'O Passo (CIAVATTA, 2009), iremos estruturar conceitos musicais e brincadeiras que envolvam percepção, corporalidade e desenvolvem um caminho de relacionamento, um espaço de abertura para que eu, enquanto educador, consiga trazer novas ideias e discussões para a sala, que interajam e se conectem com as ideias propostas pela turma. Após um despertar interativo, de ação musical praticada através do corpo, volta-se alguns passos na reflexão sobre a concepção “O que é Música?” abarcando conceitos históricos e ideias sobre como consideramos a música no mundo em que vivemos. Concomitante a isso, pretende-se encaminhar a discussão sobre a prática de gêneros e estilos musicais construídos a partir do ritmo e da percussão (corporal ou com instrumentos) mas não só, alinhando o trabalho de estágio com o repertório de canções africanas proposto pelo professor no planejamento escolar.

Pensar sobre música na escola é pesquisar a relação com o outro, e isso, a escola preceptora deste estágio parece entender bem. A sala que recebe a turma para as aulas é diversa, tem instrumentos elétricos e acústicos, harmônicos, instrumentos de ritmo e melodia, há também um projetor, quadro branco, materiais colados na parede e etc. Sendo assim, há um ambiente propício para a aprendizagem: dinâmico além de acolhedor. Por isso, para as modalidades sugeridas no objetivo do projeto (percepção, composição, apreciação e performance) subentende-se uma abordagem rizomática dos conteúdos musicais, como indicado por Cecília Cavalieri França (2007) para ajudar a explorar os parâmetros musicais básicos (altura, duração, timbre e etc.) que são apontados pelo professor supervisor em seu planejamento trimestral, por isso, junto às dinâmicas de percepção corporal e rítmica, é pensada uma sessão reflexiva sobre origens de diferentes instrumentos e musicalidades, algo mais apoiada no conhecimento básico sobre etnomusicologia, mas que irá apoiar a prática musical da turma, focada em canções que fogem da tradição ocidental geral.

A abordagem rizomática prevista no prioriza aquilo que a autora chama de “estímulos disparadores de uma multiplicidade de conteúdos que se entrelaçam e encadeiam, permitindo incursões recíprocas.” (FRANÇA, 2007).

3. Cronograma

<i>DATA</i>	<i>ATIVIDADE</i>	<i>TEMA</i>	<i>HORAS</i>
04/09	Observação em campo	<i>Observação</i>	1h
06/09	Observação em campo	<i>Observação</i>	2h
11/09	Observação em campo	<i>Observação</i>	1h
13/09	Observação em campo	<i>Observação</i>	2h
18/09	ANPPOM	<i>Viagem</i>	
20/09	ANPPOM	<i>Viagem</i>	
23/09	Colegiado Anos Finais	<i>Observação</i>	4h
25/09 e 27/09	Aula 1 e 2	<i>Atuação</i>	3h
02/10 e 04/10	Aula 3 e 4	<i>Atuação</i>	3h
09/10 e 11/10	Aula 5 e 6	<i>Atuação</i>	3h
16/10 e 18/10	Aula 7 e 8	<i>Atuação</i>	3h
16/10	Festival do Minuto (EJA)	<i>Observação</i>	2h
23/10 e 25/10	Aula 9 e 10	<i>Atuação</i>	3h
30/10 e 01/11	Aula 11 e 12	<i>Atuação</i>	3h
06/11 e 08/11	Aula 13 e 14	<i>Atuação</i>	3h
13/11	Aula 15	<i>Atuação</i>	1h
15/11	Feriado		
20/11 e 22/11	Aula 16 e 17 (Dia da Consciência Negra)	<i>Atuação</i>	3h
27/11 e 29/11	Aula 18 e 19	<i>Atuação</i>	3h
04/12	Fim do Estágio		
17/12	Termino do período Letivo Semestre 2024/2 - UDESC		Total: 41h

4. Planos de Aula

4.1 Aula 1: Conviver através do som

Tema: Percepção musical individual e coletiva.

Tempo de aula: 45 minutos

Data: 25/09/2024

Recursos

- Instrumento para marcação da pulsação (agogô);
- O corpo de cada integrante;
- Quadro;
- Caneta Marcador.

Metodologia

Iniciando com a aula mais curta da semana, a proposta é levar alguns jogos de ritmo, corpo, som e voz para a turma, pautados no método d'O Passo (Ciavatta) e que sirvam de escopo para ajudar a se aproximar de temas como pulsação, compasso e tempo.

Momento 1 - De início, com a turma em pé e em roda, pede-se para que cada estudante pulse com os pés alternados em uma batida definida. Com a turma em roda a proposta é “rodar” os nomes de cada pessoa, conhecendo uma a uma, em sentido horário a partir de uma pulsação em semínimas com pausa entre cada estudante. Pisa um pé, fala o seu nome, pisa o outro passa para a próxima pessoa que espera o momento de falar o seu na próxima pisada. Com esse desafio simples pretende-se iniciar a aula sob a escusa de conhecer melhor os/as alunos/as. (10 minutos)

Momento 2 -Após essa interação inicial, uma nova rodada com o grupo em roda marcando a pulsação com os pés é iniciada, só que dessa vez ao apontar do professor cada estudante precisará dizer a nota que respondeu na chamada (que progride na escala diatônica conforme a evolução do alfabeto, realizada pelo professor Caio, no início da aula) enquanto estava em sala. Assim inicia-se parte da experiência com a regência prevista para essa primeira aula. (5 minutos)

Momento 3 -A mesma atividade é tentada com cada estudante vocalizando uma nota só

válida para todas as pessoas em sala, escolhida (por exemplo, a nota Mi) e tocada na hora no xilofone como referência. A ideia é ainda estimular a percepção sobre a regência e desafiar a memória musical, conservando o ajuste correto da nota em sua altura e possivelmente variando a intensidade da entonação, modificando o volume da voz.. A intenção é divertir e integrar a turma, pensando em melodia e ritmo simultaneamente. (10 minutos)

Com as crianças sentadas em roda nas cadeiras, inicia-se um questionamento coletivo sobre a questão de “O que faz som e o que faz barulho?” solicitando à turma que indiquem objetos, situações e nomes para coisas que podem ser - sob a ótica deles e delas - som ou barulho. A intenção aqui é levantar um rápido e espontâneo repertório de onomatopeias a serem executadas pela turma, cada pessoa com uma, para uma nova rodada de regência, dessa vez combinando sons simultâneos de cada integrante da turma, com a ajuda do professor Caio. (10 minutos)

A partir da exploração dessa brincadeira, pretende dividir-se a turma em dois grupos diferentes responsáveis por entoar as sílabas “TU” ou “EU” quando o professor (ou algum estudante voluntário) entoar as sílabas “MA RA CA” que será um exercício para a ideia de canto responsorial presente nas Lôas tradicionais do gênero. A resposta “TU” ou “EU” serve para compor uma situação inicial de exploração e prática do gênero Maracatu, primeiro através de uma convenção com a voz, com todas as integrantes respondendo apenas a sílaba de cada grupo mas, depois, com essa ideia sendo transmutada para um arranjo instrumental, na aula posterior.. (10 minutos)

4.2 Aula 2: A música de um outro lugar

Tema: Culturas através da música.

Tempo de aula: 90 minutos

Data: 27/09/2024

Recursos

- Projetor Digital;
- Tela/Suporte para projeção;
- Instrumentos de percussão variados: Alfaia, Agogô, Caixa, Chocalho e etc.

Metodologia

Momento 1 - Como na última aula iremos terminar montando o fonema “MARACATU” introduziremos essa aula de forma expositiva, com uma apresentação de slides (em anexo) que une características territoriais (geográficas), culturais, musicais e de vestimenta que apresentam e identificam a tradição do Maracatu, mais precisamente no estado do Pernambuco. (35 minutos)

Momento 2 - Após essa vivência introdutória, iremos para a sala de música experienciar a construção do ritmo com a turma disposta de instrumentos graves e agudos de percussão. Inicialmente é prevista uma montagem lenta e escalonável do ritmo, iniciando com jogos de acentuações gerais para depois partir para características do gênero. Por exemplo: podemos iniciar fazendo um jogo entre a primeira parte da linha do agogô característica do gênero e o primeiro acento das Alfaias (tambores graves), aos poucos introduzindo as acentuações restantes da linha grave e os chocalhos. Por último, tentar encaixar a linha da caixa ou tarol. Entende-se aqui o jogo com a palavra “Maracatu” também como um recurso pedagógico-musical para que se possa construir uma noção rítmica a partir da tradição oral, característica das tradições de percussão popular de rua. O uso da palavra cantada também serve como dispositivo para criar um arranjo coletivo, através de proposições sugestivas interagindo com a turma.

Com esse trabalho, pretende-se explorar com a turma as noções do papel de cada instrumento do bloco de maracatu: Alfaias, Agogôs, Caixas, Chocalhos e Voz. (55 minutos).

4.3 Aula 3: Mergulhando um pouco mais (Aula 2 - parte 2)

Tema: Praticando o Maracatu através das Lôas

Tempo de aula: 45 minutos

Data: 02/10/2024

Recursos

- Projetor Digital;
- Tela/Suporte para projeção;
- Equipamento de áudio;

Metodologia

Sem introduzir um ritmo novo a proposta agora é abordar o Maracatu sob uma nova ótica: a expressão vocal. Abordando junto com a turma do que se trata uma Lôa (nome dado à forma presente na cantiga entoada do Maracatu) e mostrando para a turma como é a estrutura de nossa pequena Lôa de dois versos, a intitulada “Coroa Imperial”. As perguntas disparadoras para despertar interesse serão no sentido de revisar parte da aula anterior, em uma conversa com a turma a partir da letra da Lôa escolhida, abordando detalhes sobre a historicidade do gênero, como por exemplo “o que significa a palavra Maracatu?” ou “o que é uma Coroa Imperial? Porque se fala disso na letra da canção?” (15 minutos). Iremos para a sala de música construir um arranjo coletivo que envolva vozes e instrumentos de percussão, variando sobre a letra da Lôa e o arranjo instrumental construído na aula anterior sobre a brincadeira musical “MARACA EU, MARACA TU”. A intenção aqui é dividir a turma entre três naipes distintos: Alfaias, agogôs e caixas. Como o toque da caixa no estilo do Maracatu é realmente desafiador, propõe-se que o arranjo coletivo seja feito em cima da voz, o agogô faça a clave e as alfaias a acentuação grave característica do gênero, com a caixa como acompanhamento apenas das acentuações. Nas brincadeiras com a voz, enquanto o agogô faz a linha percussiva da clave, os(as) colegas podem cantar a letra da Lôa sempre de forma responsorial - como é em boa parte na tradição - guiados pelo professor. A partir daí pretende-se criar tomadas de decisões com a turma para criar o arranjo coletivo a partir das acentuações características para cada instrumento (silenciando algum naipe de instrumentos, por exemplo, ou realizando “solos”, ou inserindo onomatopeias criadas pela turma e etc.), demonstrando na prática como se forma o enredo instrumental de um Maracatu e como existem possibilidades criativas para modificar o material musical. (30 Minutos)

5. Referências

CIAVATTA, Lucas. O Passo - Música e Educação. 1. ed., Rio de Janeiro, 2009.

(CIAVATTA, 2016) Lucas Ciavatta: O Passo - corpo e mente no mesmo andamento. In: Mateiro, T.; Ilari, B. (orgs.). Pedagogias Brasileiras em Educação Musical, p. 207-228. Curitiba: InterSaberes, 2016.

CARVALHO, Lilian Rocha de Abreu Sodré. Música Africana na Sala de Aula: Cantando, tocando e dançando nossas raízes negras. 1ª Ed. São Paulo: Duna Dueto, 2010.

FRANÇA, Cecília Cavalieri. Por dentro da matriz. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 16, 83-94, mar. 2007.

6. Anexos

6.1 Slides - Aula II

 Aula 2 - Turma 72.pptx